



## DISCURSO, PRÁTICA ARGUMENTATIVA E DESIGUALDADE SOCIAL

Paula de Souza Gonçalves MORASCO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem o propósito de mostrar a prática argumentativa que muitas vezes embasa relações de poder, em textos noticiosos do jornal *Folha de São Paulo*. Como se verá, apesar de o texto noticioso almejar a neutralidade, é possível encontrar vestígios da prática argumentativa que retrata a desigualdade social existente no Brasil. Como embasamento teórico, foram utilizados textos de autores da *Análise Crítica do Discurso* (WODAK, 1989, 2004; VAN LEEUWEN, 2008; PEDRO, 1997, entre outros). Nossas conclusões mostram como a argumentação do texto manifesta relações de poder, ainda que se evite que as intenções sejam colocadas diretamente no discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Discurso. Análise Crítica do Discurso. Ator social. Texto noticioso.

### SPEECH, ARGUMENTATIVE PRACTICE AND SOCIAL INEQUALITY

**ABSTRACT:** The aim of this work is to show the argumentative practice, which often builds relations of power, in news discourse of a newspaper from São Paulo city. As it will be seen, although the news discourse aims for neutrality, it's possible to find argumentative practices traces exposing Brazil social inequality. This paper is based on the theoretical background of Critical Discourse Analysis (WODAK, 1989, 2004; VAN LEEUWEN, 2008; PEDRO, 1997, among others) and our findings reveal how the argumentation express the relations of power in the text, even if the news discourse aims to avoid revealing purposes clearly.

**KEYWORDS:** Argumentation. Discourse. Critical Discourse Analysis. Social actor. News discourse.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseou-se na seleção de algumas notícias do jornal *Folha de São Paulo*, um dos maiores jornais do Brasil, em que havia a representação dos atores sociais da

---

1 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (CNPQ 2012), com pós-doutoramento em Análise Crítica do Discurso na Universidade de São Paulo – USP (FAPESP 2010). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Endereço eletrônico: <psouzag@yahoo.com.br>.

nova classe média brasileira. Exatamente por esse intuito, foram colhidos trechos noticiosos do período dos anos 2000, em que essa nova classe teria ascendido. A análise dos trechos selecionados tem o intuito de mostrar como o discurso é organizado e construído a partir do olhar e da percepção do sujeito enunciador, ainda que em um gênero textual que se pautar na neutralidade. Dessa forma, notaremos, ao longo de nossas análises, que as estratégias argumentativas de produção do discurso noticioso do jornal escolhido nos revelam as relações de poder existentes na sociedade e podem moldar a percepção do leitor desavisado a respeito de um determinado tema.

Como escolhemos como escopo a “nova classe média brasileira” e trataremos da representação de seus atores sociais, nas notícias do jornal Folha de São Paulo, ou seja, como trataremos das relações de poder, no discurso, utilizaremos a Análise Crítica do Discurso (ACD), como embasamento teórico e metodológico deste trabalho.

## A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Segundo Wodak (2004), nos últimos anos, o termo ACD tem sido usado em referência à abordagem linguística crítica em que a unidade mais ampla do texto é considerada como uma unidade comunicativa básica. Na perspectiva da autora, a linguagem é concebida como prática social e tem fundamental importância na relação com o poder; por isso, aqueles que se dedicam a esta abordagem, analisam discursos que envolvem relações de luta e conflito, tais como o gênero social, a mídia, entre outros, considerando o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial.

A ACD investiga, criticamente, como a desigualdade social é expressa através do uso da linguagem; por isso, não estuda apenas os textos, falados ou escritos, mas busca uma teorização e descrição dos processos e das estruturas que levam à produção tanto de textos, quanto das estruturas e processos sociais a partir dos quais indivíduos ou grupos criam

significados em suas interações com os textos (FAIRCLOUGH; KRESS, 1993 apud WODAK, 2004). Considera-se, assim, que as subjetividades particulares dos falantes/ouvintes ou dos escritores/leitores são resultantes das estruturas e processos sociais que formaram as suas histórias.

Nos anos 1990, o termo ACD passou a ser usado de forma consistente, referindo-se a uma abordagem particular de análise linguística (WODAK, 2004). Segundo essa estudiosa, o discurso é historicamente produzido e interpretado, ou seja, situado no tempo e no espaço, e as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detêm o poder, que levam a linguagem a adquirir poder pelo uso que fazem dela. Nesse sentido, há a necessidade de um trabalho interdisciplinar de forma a alcançar uma compreensão mais ampla de como a linguagem funciona na constituição e transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder (WODAK, 2004). Essa abordagem está interessada em como as formas linguísticas são usadas em várias expressões e manipulações do poder que emerge não somente das formas gramaticais presentes em um texto, mas também do controle que uma pessoa exerce sobre as outras em uma ocasião social por meio do gênero discursivo e da prática argumentativa.

Para os analistas críticos do discurso, a desconstrução ideológica de textos que integram práticas sociais pode intervir de alguma maneira na sociedade, a fim de revelar e superar relações de dominação. Essa intervenção social produziria mudanças no sentido de favorecer aqueles que possam se encontrar em desvantagem.

A posição dialética entre discurso e subjetividade revela como os sujeitos sociais são moldados por práticas discursivas, mas também que são capazes de reestruturá-las, por serem ativos nesse processo. Ao mesmo tempo, a dialética entre estrutura e ação permite ver o discurso como ação que constitui o social e que pode ser constituído por ele.

Nessa perspectiva, Van Dijk (1997) analisa a dimensão social da ligação entre discurso e ideologia, mostrando que é nas sociedades, por meio de enunciados escritos e orais, que as ideologias são produzidas e reproduzidas. Para ele, o modelo mais abrangente que trata do

estudo da relação entre discurso e ideologia é proposto pela Análise Crítica do Discurso, uma vez que visa tornar mais explícitas as formas como o abuso do poder são reproduzidas num discurso determinado pela ideologia. Segundo Van Dijk:

A funcionar como elo de ligação entre o cognitivo e o social, temos a dimensão importante relativa aos sistemas de crenças sociais, tais como conhecimentos, opiniões e atitudes, o que equivale a dizer que as ideologias se caracterizam essencialmente pelo facto de serem partilhadas (ou contestadas) pelos membros de grupos sociais. (VAN DIJK, 1997, p. 108, grifo do autor)

Para o esse autor, as ideologias não são verdadeiras ou falsas, pois representam a verdade, por vezes preconceituosa, de um grupo social que as usa conforme seja capaz de favorecer seus interesses. Isso significa que as ideologias orientam, ainda que indiretamente, as práticas sociais desse grupo bem como suas produções escritas e orais:

Las ideologías se definen como sistemas básicos de cognición social, como elementos organizadores de actitudes y de otros tipos de representaciones sociales compartidas por los miembros pertenecientes a un grupo. Las ideologías controlan, de manera indirecta, las representaciones mentales (modelos) que están en la base y que conforman el contexto introducido en el discurso y en sus estructuras. (2008, p. 202)<sup>2</sup>

Acreditamos que a ACD nos permite ter um olhar investigativo a respeito das manifestações de poder na linguagem, o que pode ocorrer por meio de relações estruturais claras ou subentendidas nos textos.

---

2 As ideologias são definidas como sistemas básicos de cognições sociais e como princípios organizadores das atitudes e outros tipos de representações sociais comuns a membros de grupos particulares. Dessa forma, controlam indiretamente as representações mentais (modelos) que formam a base interpretativa e a 'inserção' contextual do discurso e respectivas estruturas. (apud PEDRO, 1997, p. 105, adaptado).

Dessa forma, os estudos em Análise Crítica do Discurso dão grande importância a como ocorre a manifestação do poder no discurso, principalmente em relação às minorias. Sobre essa questão do poder, Van Dijk aponta algumas maneiras pelas quais ele pode ser constituído:

O poder coercivo dos militares ou dos homens violentos será baseado na força, os ricos terão poder por causa do dinheiro, enquanto o poder mais ou menos persuasivo dos pais, professores ou jornalistas pode ser baseado no conhecimento, informação, ou autoridade. Além disso, os grupos dominados podem mais ou menos resistir, aceitar, condenar, conformar-se, ou legitimar tal poder e mesmo achá-lo 'natural'. (2001, p. 355, tradução nossa)

Como observa o autor, os grupos sociais mais poderosos controlam um ou mais tipos de discurso, como é o caso dos jornalistas no discurso midiático (por meio do contexto e da estrutura do texto). A questão, afirma van Dijk (2001, p. 355), seria então entender como ocorre esse controle do discurso público, como há o controle da mente e da ação dos grupos menos poderosos e como isso influenciaria na desigualdade social. Neste ponto, entra a tarefa do analista crítico do discurso, ao observar como tudo isto se manifesta (se de maneira implícita, explícita, topicalizada, entre outras possibilidades).

Em relação a essa manifestação do poder, buscamos observar como ocorre a inclusão dos atores sociais da nova classe média no discurso noticioso da *Folha de S. Paulo*; por isso, faremos nossa investigação baseando-nos no grupo de fatores discursivos proposto por Van Leeuwen (2008) por ter criado um inventário sócio-semântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados. Além da observação do conteúdo linguístico que representa o discurso, esse autor revela uma preocupação sociológica e crítica em relação a como ocorrem as escolhas do enunciadador na produção textual. Van Leeuwen propõe uma metodologia em que se observa tanto como pode ser realizada a inclusão dos atores sociais como também a sua exclusão, que pode ocorrer por meio de várias escolhas léxico-gramaticais que os apaguem ou encubram no texto. Essas escolhas léxico-gramaticais

permitem, por exemplo, a inclusão dos atores sociais de forma genérica ou específica, quando representados por meio do nome ou da função que exercem.

## ENTRE O DISCURSO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Segundo Fairclough (2001a, p. 22), o conceito de discurso e análise do discurso é tridimensional, pois “qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente como um texto, um exemplo de ‘prática discursiva’ e um exemplo de prática social”. O autor enfatiza que discursos são caminhos de representação de aspectos do mundo – os processos, as relações e estruturas do mundo material, o “mundo mental” (dos pensamentos, sentimentos, crenças) e o mundo social (FAIRCLOUGH, 2003). Assim, os discursos são diferentes perspectivas de mundo, o que estaria associado às diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, das suas posições no mundo (identidades sociais e pessoais) e seus relacionamentos sociais com outras pessoas. O discurso, além de representar, seria algo projetivo, imaginário, em que há a representação de mundos possíveis diferentes do atual e vinculados a projetos para mudar o mundo em direções particulares. Assim, um elemento de relação entre as diferentes pessoas envolveria a competição, a dominação ou a cooperação, transcendendo representações locais e concretas.

Considerando que há diversidade no léxico das línguas, a escolha que fazemos, dentre as diversas opções, pode ser ideológica. Nesse sentido, na obra *Discurso e mudança social*, ao tratar da relação entre discurso e questões sociais, Fairclough dá o exemplo do jornal europeu *The Morning Star* que, em seu discurso, escolhe um verbo representativo de processo de ação para demonstrar o ataque de trabalhadores (*nortistas*): “O parlamento foi atacado por centenas de nortistas”, oração que poderia ter sido formulada de modo diferente para que o significado dos “trabalhadores em ação” fosse menos proeminente; o próprio

autor mostra como ficaria o texto reformulado e como o impacto sobre o suposto ataque desses atores seria menor: “Houve um lobby no parlamento com centenas de nortistas”.

Além disso, ele também mostra o recurso da *nominalização* de uma oração como *X criticou Y* para *houve muita crítica*. Além da *apassivação*: *Manifestantes são mortos* (pela polícia) em vez de *Polícia mata manifestantes*. Ao mostrar esses recursos, o autor ressalta a necessidade de se analisar o processo discursivo e não simplesmente considerar o texto um produto. Desse modo, ele objetiva reunir a análise discursiva textualmente orientada com o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, observando a mudança social. Por isso, propõe que se discuta o discurso a partir de um quadro tridimensional: texto, prática discursiva e prática social. Nesse quadro, o discurso é “uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, como também um modo de representação [...]; o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis” (2001, p. 91).

Dada a importância dos textos nas práticas sociais, Fairclough (2001a, p. 104) sugere que a análise textual possa ser dividida em quatro frentes: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, mas acrescenta a força do enunciado (promessas, pedidos), a coerência dos textos e sua intertextualidade como elementos importantes na análise do discurso.

### A TEORIA DA REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DE TEUN VAN LEEUWEN<sup>3</sup>

O trabalho de Van Leeuwen (2008) aparece neste cenário como continuidade dessa linha de pensamento em relação à observação da representação dos atores sociais. No entanto, chamou-nos a atenção a proposta de não iniciar sua observação com base em questões linguísticas, seguindo e aperfeiçoando o olhar de Fairclough (2001a). Ele propõe um

---

<sup>3</sup> Esta subseção está embasada no texto de Van Leeuwen (2008), com consultas à sua tradução, publicada por Pedro (1997).

inventário sociossemântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados e revela uma preocupação sociológica e crítica em relação ao como ocorrem as escolhas do enunciador na produção textual. Essa estratégia é muito interessante, pois valoriza o dado linguístico ao mostrar seu impacto social, por exemplo.

Nesse sentido, o autor chama a atenção para o fato de que muitas vezes se olha como os atores sociais são representados quanto à agência dos sujeitos nas orações, se agentes ou pacientes; entretanto, a agência sociológica nem sempre é realizada pela agência linguística. Como ele próprio exemplifica, muitas vezes o agente sociológico pode aparecer por meio de um pronome possessivo, como em: *sua esposa Maria*. Neste caso, *Maria* é esposa de alguém e esse alguém está representado no discurso por meio do possessivo. Como podemos notar, apesar de não estar claramente exposto, o agente está representado, pois *Maria* é sua esposa.

O autor mostra ainda que algumas vezes o agente gramatical é sociologicamente paciente. Vejamos um exemplo de nosso *corpus* em que *classe C* é o agente gramatical, mas fica claro que não é o agente sociológico:

(1) A classe C, que nos últimos cinco anos foi impulsionadora dos gastos com comida, bebida e higiene, perdeu seu posto para a classe AB neste ano, segundo estudo antecipado para a Folha pelo Instituto Nielsen. (FSP, 13 de julho de 2014, mercado, B3)

Van Leeuwen reconhece a dificuldade em se trabalhar com critérios formais e semânticos ao mesmo tempo; no entanto, ressalta que é de grande importância encarar essa dificuldade para não se ter uma visão parcial dos fatos.

Além da questão da agência, ele chama a atenção também para a observação de como os atores sociais são representados em termos de seleção lexical: coletivamente ou individualmente, em relação a sua pessoa ou a sua fala; enfim, novamente realça a

necessidade de um olhar atento, pois apenas considerar que o ator está representado no discurso é muito pouco, é preciso avaliar como essa representação se realiza.

Assim, como poderemos perceber, o autor parte de categorias sociológicas como a agência, em vez de se ater apenas a categorias linguísticas (apagamento do agente da passiva, por exemplo), ou seja, olha os dados linguísticos a partir de um viés sociológico.

Dando seguimento aos estudos de Van Leeuwen (2008), ao tratar da representação dos atores sociais, percebemos que eles podem estar incluídos no texto, como ocorre no seguinte exemplo, colhido na *Folha de São Paulo*:

(2) *A atendente Patrícia Brandão, 19, não achou que ia ser tão rápido. Ao comprar uma passagem pelo site ViajaNet, ganhou um prêmio de R\$20 em recarga de celular. [...] Patrícia conta que ficou impressionada com a rapidez na entrega do prêmio. (FSP, 30 de agosto de 2010, Mercado, B4, grifo nosso)*

## EXCLUSÃO DOS ATORES SOCIAIS

Os atores sociais também podem ser excluídos dos textos, conforme interesse de quem escreve, como acontece no exemplo (3), em que há o *apagamento do agente da passiva*:

(3) *Cerca de 50 pessoas ficaram encurraladas em uma das vias. (FSP, 01 de julho de 2014, Cotidiano, C4)*

Segundo Van Leeuwen, esse encobrimento ou a total exclusão do ator social tem a ver com interesse do próprio jornal em, por vezes, omitir a violência causada pela polícia ou órgãos de poder. Essa prática, não raramente, acaba se perpetuando e fazendo com que pareça algo normal.

A exclusão pode ocorrer por *supressão* ou *encobrimento*. Quando ocorre por supressão, não há no texto vestígio algum do ator social, não há como recuperá-lo por meio

da leitura, ao passo que, quando há apenas o seu encobrimento, apesar de estar em segundo plano, pode ser recuperado por meio da leitura do texto.

O exemplo (3) mostra um caso de exclusão por meio do *apagamento do agente da passiva*, mas ela também pode ser realizada por meio de *nominalização de um processo*, como ocorre em:

(4) Shoppings da capital conseguiram bloquear páginas no Facebook de *convocação* para 'rolezinhos'. (FSP, 16 de janeiro de 2014, Cotidiano, C1, grifo nosso)

Também há a possibilidade de se encobrir ou suprimir o ator social por meio da *adjetivação sem atribuidor*, ou seja, há adjetivação no enunciado, mas não se sabe quem é responsável por ela, como ocorre em:

(5) Pedido foi feito pela associação que representa os shoppings após ameaças de atos *criminosos*. (DSP, 16 de janeiro de 2014, Dia a dia, página 5)

Outra forma de omissão do ator social levantada por Van Leeuwen (2008) é o uso de oração infinitiva como participante gramatical:

(6) Em outros cinco era possível *confirmar* presença, entre eles no shopping JK Iguatemi, que conseguiu uma liminar no sábado passado para proibir a entrada de menores desacompanhados. (DSP, 16 de janeiro de 2014, Dia a dia, p. 5, grifo nosso)

Van Leeuwen alerta que a supressão e o encobrimento nem sempre ocorrem com o intuito de tirar o ator social de cena; por vezes, isso pode ocorrer simplesmente para que o texto não fique redundante, por exemplo.

## DISTRIBUIÇÃO DE PAPÉIS

Em relação à distribuição de papéis, Van Leeuwen (2008) busca mostrar quais papéis são desempenhados pelos atores sociais em sua representação nos textos. O autor mostra que o mesmo ator pode tanto ter papel ativo quanto passivo, e essa escolha depende do enunciador (de seu contexto) e a quem ele quer dar o papel de ator. No exemplo (7), podemos perceber que a classe C recebe o papel de uma finalidade, uma meta a ser atingida, sendo, portanto, passiva do ponto de vista da construção da oração:

(7) De um lado, Compac, Dell e UOL. De outro, IBM e AOL. Com a proximidade do natal, os fabricantes fizeram parcerias com dois provedores para vender computadores a prazo, com a meta de atingir a classe C. (FSP, 24 de novembro de 1999, informática, p. 3)

Já em (8), podemos notar a diferença em relação ao exemplo anterior, pois a classe C ganha um papel ativo na oração. Vale ressaltar que esse papel ativo não é apenas no aspecto gramatical, mas principalmente no semântico:

(8) A auxiliar administrativa, Fiama Barros, 22, moradora do bairro de Paraisópolis, na zona oeste de São Paulo, cortou a base para o rosto da lista de produtos de maquiagem que costumava comprar. (FSP, 29 de março de 2014, Mercado, B6)

Van Leeuwen (2008) ressalta que além da questão da distribuição do papel em ativação e passivação, há também a possibilidade de se atentar para os papéis gramaticais participantes por meio das estruturas de transitividade em que os atores sociais podem ser classificados como *Ator* (em processos materiais); *Comportado* (em processos comportamentais); *Perceptivo* (em processos mentais); *Dizente* (em processos verbais) e *Atribuidor* (em processos relacionais) (cf. HALLIDAY, 1985). Para Van Leeuwen, a própria

escolha do processo demonstra a representação do ator social; alguns são aqueles que sentem, que percebem, outros são aqueles que apenas agem, por exemplo.

Dentro da questão da distribuição de papéis, podemos considerar a *circunstancialização* em que a circunstancialização dos atores ocorre por meio do uso de preposições como “por parte de” e “contra”, como ocorre em “Houve tumulto *por parte daqueles* que organizaram o evento”, em que notamos a agência dos organizadores do evento.

Outra forma frequente de distribuição de papéis é por meio da possessivação que, segundo Van Leeuwen (2008), pode tanto tornar o ator ativo quanto passivo. Ele dá o exemplo “minha professora” em que a professora é apassivada, pois o agente é o “eu”.

Van Leeuwen trata brevemente a *participação*, limitando-se a dizer que ela encobre a agência, pois a transforma em posse de um processo que é transformado em “coisa”, como ocorre em (9):

(9) A manifestação começou de forma pacífica. (FSP, 01 de julho de 2014, Cotidiano, C4)

Ainda sobre a distribuição dos papéis dos atores sociais, o autor ressalta que essa distribuição é apenas um aspecto da representação dos atores sociais e que não é a representação por si só.

## INCLUSÃO DOS ATORES SOCIAIS

### PERSONALIZAÇÃO

Quando incluídos por personalização, os atores sociais podem ser representados por *Indeterminação* ou *Determinação*.

A indeterminação ocorre quando os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não-especificados, como:

(10) *Alguém roubou* as imagens que ela tinha guardadas em seu celular, onde aparecia nua. (FSP, 17 de fevereiro de 2012, grifo nosso)

A determinação ocorre quando a identidade do autor social é feita de forma a determiná-lo:

(11) Pela primeira vez no país, campanha inclui *a população que vive em penitenciárias...*(DSP, 05 de maio de 2012, grifo nosso).

Há várias formas de representar a inclusão do ator social por meio da *determinação*. A seguir, apresentaremos essas formas a partir de Van Leeuwen (1997, 2008).

## GENERICIZAÇÃO E ESPECIFICAÇÃO

Os atores sociais podem ser incluídos no discurso por *genericização* e por *especificação*.

Para Van Leeuwen (2008), o direcionamento político-social do enunciador e da instituição por ele representada permite a seguinte constatação:

A diferença pode ser observada, por exemplo, na maneira como os atores sociais são representados por diferentes setores da imprensa. Em jornais voltados à classe média, agentes governamentais e especialistas tendem a ser referidos especificamente, e “pessoas comuns” genericamente: o ponto de identificação, o mundo no qual cada um existe, e não se trata do mundo dos governados, mas o mundo dos governantes, os “generais”. Nos jornais voltados à classe trabalhadora, por outro lado, “pessoas comuns” são frequentemente referidas especificamente. (VAN LEEUWEN, 2008, p. 35, tradução nossa)

Segundo Van Leeuwen (2008), como os discursos são cognições sociais, eles podem e são usados como fonte de representação das práticas sociais no texto. Em outras palavras, textos não somente representam as práticas sociais, como também as explicam e legitimam ou criticam.

Quando representados por genericização, os atores sociais saem da esfera individual e são vistos de modo amplo e, como o próprio nome diz, generalizado. Segundo o autor, esse tipo de representação pode ocorrer por meio do uso ou não de artigos no plural. Vejamos o exemplo (12) abaixo:

(12) A ideia é tornar o computador mais acessível a um número cada vez maior de *peessoas*, diz Ana Maria Piumbini, gerente nacional de vendas da IBM. Já Luiz Carlos Pimentel, diretor de marketing da Compaq, afirma que a empresa quer 'buscar o público que não tem acesso a um computador'. (FSP, 24 de novembro de 1999, informática, p. 3, grifo nosso)

No entanto, o autor ressalta que, algumas vezes, essa mesma representação pode ser por especificação, a depender do contexto e do tempo verbal utilizado; segundo ele, o presente do indicativo, por exemplo, por indicar ações habituais ou universais, facilita a representação por genericização.

## NOMEAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Quando ocorrem por *especificação*, os atores sociais podem ser representados por *nomeação*, ou seja, pela sua identidade única, ou serem representados pelas funções que partilham com outros: *categorização*.

A representação por nomeação pode ocorrer de duas maneiras: por *antropônimo* ou *titulação*. Quando se realiza por antropônimo, a nomeação pode ocorrer por *formalização* (apenas o sobrenome, podendo ou não conter honoríficos), por *semiformalização* (representação por nome e sobrenome) ou por *informalização* (contendo apenas o nome



próprio). Os exemplos abaixo, retirados de nosso *corpus*, ilustram, respectivamente, as três formas de representação indicadas acima:

(13) Ele não soube informar se as páginas foram retiradas por vias judiciais ou por meio de pedido à rede social. ‘Escutei isso [bloqueio de páginas] de dois ou três associados que pediram a retirada de informações’, disse *Veiga*. (FSP, 16 de janeiro de 2014, Cotidiano, C1, grifo nosso)

(14) A *auxiliar administrativa Fiama Barros*, 22, moradora do bairro de Paraisópolis, na zona oeste de São Paulo, cortou a base para o rosto da lista de produtos de maquiagem que costumava comprar. (FSP, 29 de março de 2014, mercado, B6, grifo nosso)

(15) *Barros*, que mora sozinha, não é a única a ter de fazer escolhas na hora de ir ao supermercado. (FSP, 29 de março de 2014, mercado, B6, grifo nosso)

Van Leeuwen (1997) lembra que, mesmo quando há a ocultação do nome, colocando apenas a inicial do nome e do sobrenome – procedimento comum em jornais –, há a nomeação. Esse recurso ajuda a preservar a identidade de determinados atores sociais.

Quando a nomeação ocorre por *titulação*, pode realizar-se por *honorificação*, *filiação* ou *detitulação*. Na *honorificação*, utilizam-se títulos, cargos e honoríficos para representar o ator social, como no exemplo abaixo:

(16) O pedido já tinha sido feito ao *governador Geraldo Alckmin* (PSDB). (FSP, 30 de janeiro de 2014, Cotidiano, C7, grifo nosso)

Quando a nomeação por *titulação* ocorre por *filiação*, utiliza-se referência a parentesco ou relação pessoal:

(17) Mas, diferentemente do que dizem os levantamentos do governo, *Maria do Rosário e seu marido, Marcos Paulo Souza*, 36, ex-motorista, se encaixam melhor nos números de pesquisa inédita do professor da Unicamp Waldir Quadros, 52. (FSP, 07 de outubro de 2001, Dinheiro, B11, grifo nosso)

Quanto à detitulação, esta ocorre quando se faz uso da honorificação, e o ator social já não tem mais aquele título, por exemplo: o *ex-presidente* Lula.

## FUNCIONALIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

Além de ser representado por *nomeação*, o ator social pode também ser representado por *categorização*. A categorização pode ser por *funcionalização*, *identificação* ou *nomeação imprópria*.

A representação por funcionalização ocorre quando o ator social é representado em termos de sua ocupação ou função:

(18) Vide Cláudia Abreu de pernocas de fora à La Joelma, ao lado da tecnobrega Gaby Amarantos, no número musical que anunciou 'Cheias de Charme', novela sobre *empregadas domésticas*. (FSP, 07 de março de 2012, ilustrada, E6, grifos nosso)

A representação por identificação ocorre quando o ator social é representado por aquilo que eles são em detrimento daquilo que eles fazem (um *homossexual*, por exemplo). A identificação envolve outros dados como idade, origem, classe social, raça, dentre outras características. Por isto, a identificação pode ser por: *classificação*, *identificação física*, *identificação relacional* e por *avaliação*.

a) *classificação*: é o tipo de representação em que o ator social é referido por meio de como a sociedade o classifica dentro de classes de pessoas (idade, sexo, raça, orientação sexual, situação econômica, por exemplo):

(19) A queda é expressiva se comparada a 2013, quando a *classe C* teve participação de 49%, e a AB, de 35%. (FSP, 13 de julho de 2014, mercado, B3, grifo nosso)

b) identificação física: este tipo de representação, como o próprio nome diz, representa o ator social por meio de suas características físicas (cor do cabelo, por exemplo).

c) identificação relacional: quando se representa o ator social em termos de relação pessoal, de trabalho ou de parentesco (amigo, o colega de trabalho, a mãe, por exemplo).

d) avaliação: esta categoria traz a representação do ator social por meio de referências que os qualificam como “bons ou maus, amados ou odiados, admirados ou lamentados” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 207)<sup>4</sup>:

(20) ‘Ao fundo’, o blog de Tales Faria ouviu o ministro peemedebista Geddel Vieira Lima e postou que, de olho em 2010, “a onda no governo é falar de uma nova classe média”. Uma “*classe C emergente*” identificada no Vox Populi e alvo do neogetulismo de Lula – e não “o setor da classe média” que mostra “insatisfação”. (FSP, 03 de setembro de 2007, Brasil, A8, grifo nosso)

## ASSIMILAÇÃO

Como vimos acima, os atores sociais podem ser representados de forma individualizada ou em grupos. A *assimilação* é a representação dos atores sociais como grupos<sup>5</sup>. No entanto, essa representação pode ser por *agregação* ou por *coletivização*.

---

4 Nesta categorização de Van Leeuwen (2008), gostaríamos de esclarecer que ampliamos um pouco a abordagem da avaliação e estamos considerando seleções em que há qualquer tipo de avaliação na escolha lexical do enunciador, pois consideramos este aspecto de extrema importância para nossa análise. Conforme se pode perceber pelo exemplo 21, de nosso *corpus*, há uma avaliação de que a *nova classe média* é uma *classe C emergente*.

5 Van Leeuwen (1997) apresenta outras formas de representação por grupos, como é o caso da *associação*, mas também formas de representação por *diferenciação / indiferenciação* e por *sobredeterminação*. Não exploraremos aqui todas as formas de representação por ele apresentadas, pois como faz uma classificação bem rica e densa, utilizamos apenas as categorias que mais se aproximam de nossos dados e que nos bastaram. Como se trata de uma classificação específica do autor, algumas categorias por ele elencadas (a *sobredeterminação*, por exemplo) nos parecem se encaixar melhor em outros textos que não o noticioso, como os literários, com mais simbolismos e linguagem conotativa, por ele analisados.

Quando ocorre por agregação, a representação é feita por meio de números, estatísticas, ou quantificadores (definidos ou indefinidos). Van Leeuwen (2008) avalia que isso ocorra com frequência pelo fato de, em jornais, por exemplo, serem apresentadas muitas pesquisas, dados e estatísticas que produziram a ilusão de consenso. Vejamos um exemplo desse tipo de representação:

(21) Nos anos do governo FHC, *13.9 milhões de brasileiros* migraram de classes de menor renda para as de maior poder aquisitivo e subiram um degrau na escala social. (FSP, 25 de outubro de 2002, Eleições, ESPECIAL 11, grifo nosso).

A assimilação por coletivização ocorre quando se representa os atores sociais, não por dados estatísticos, mas sim por meio de substantivo contável ou não-contável que represente a ideia de grupo:

(22) Preponderante porque diz respeito a *um exército de eleitores que representa um terço do eleitorado (32%)*, o maior agrupamento numa escala com cinco subdivisões (dos excluídos à classe alta). (FSP, 21 de setembro de 2014, eleições, A14, grifo nosso)

(23) Antes ávidos por comprar produtos recém-lançados e ter acesso a marcas de qualidade superior, *o consumidor da classe média* já não é mais a locomotiva dos gastos nos supermercados brasileiros. (FSP, 13 de julho de 2014, mercado, B3, grifo nosso)

Conforme vimos até aqui, quando estão incluídos no discurso, os atores sociais podem ser *personalizados*. Entretanto, podem também ser *impersonalizados* e serão representados por meio de substantivos abstratos ou concretos, cujo significado não inclui a característica semântica “humana”, como veremos a seguir.

## IMPERSONALIZAÇÃO

A impersonalização pode ocorrer por abstração ou objetivação. Quando ocorre por abstração, geralmente é empregado um termo abstrato para se referir aos atores sociais. A impersonalização por objetivação “ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma referência a um local ou coisa directamente associada quer à sua pessoa quer à atividade a que estão ligados” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 209). Existem vários tipos de impersonalização por objetivação: *espacialização; autonomização do enunciado; instrumentalização e somatização*:

a) espacialização: quando os atores sociais são representados por algum local a que estão associados em um determinado contexto:

(24) Procurados sobre o protesto marcado para hoje, os *shoppings Campo Limpo e Jardim Sul afirmaram* que adotam medidas para garantir a segurança dos clientes, lojistas e funcionários. (FSP, 16 de janeiro de 2014, Cotidiano, C1, grifo nosso)

b) autonomização do enunciado: quando se representa os atores sociais por meio de referência aos seus enunciados, o que, ressalta Van Leeuwen (1997, p. 209), acontece muitas vezes com o discurso de porta-vozes oficiais e de elevado estatuto social:

(25) *Levantamento do Serasa e do Instituto Data Popular aponta* que se a classe C formasse um país seria o 12º em população, [...]. (DSP, 19 de fevereiro de 2014, Dia a dia, página 14, grifo nosso)

c) instrumentalização: quando os atores sociais são representados por um instrumento ao qual estão relacionados:

(26) Um policial, atingido *por uma bomba caseira*, teve parte da farda incendiada em uma das pernas. (FSP, 01 de julho de 2014, Cotidiano, C4, grifo nosso).

d) somatização: quando o ator social é representado por uma parte do seu corpo. Como não encontramos um exemplo em nosso *corpus*, tomamos emprestado o exemplo de Van Leeuwen (1997, p. 210):

(27) Ela pôs a mão no ombro da Mary Kate.

Van Leeuwen (1997) lembra que o recurso à impersonalização é bem útil na linguagem da burocracia, pois dá um caráter impessoal e de autoridade, como ocorre em “o relatório aponta..”. Além disso, ressalta também que, assim como o apagamento do agente da passiva ou nominalizações, ela ajuda a encobrir os atores sociais, como poderia ocorrer em “o comunicado proíbe..”.

## PALAVRAS FINAIS

Neste artigo, buscamos enfatizar as estratégias de produção do discurso jornalístico na representação dos atores sociais da nova classe média e o impacto desse discurso (recheado de estratégias argumentativas do jornal *Folha de São Paulo*) na construção social da realidade.

Notamos, com base no inventário sociossemântico de Van Leeuwen (2008), o dilema do discurso hegemônico em inserir a classe C nos discursos noticiosos e encará-la como uma classe média.

Aliás, a escolha da temática “nova classe média” para seleção das notícias foi exatamente pensando nessa questão: a inserção e acolhimento da classe C no discurso

noticioso da *Folha de São Paulo*. Constatamos uma grande quantidade de notícias a respeito da classe, mas como um processo natural, uma vez que o surgimento de uma nova classe média no país tornou-se um fato noticioso em meados de 2000.

Conforme já colocamos em nossas análises, não apenas as escolhas lexicais, mas também a organização sintática das orações e o contexto em que estas estavam inseridas contribuíram para que se criasse um discurso em que a classe em questão é, muitas vezes, apagada nas notícias por conveniência do discurso do poder. Apesar disso, como também mostramos em nossas análises, no discurso noticioso da *Folha de S. Paulo* também aparecem atores da nova classe média por *nomeação*, por exemplo, o que demonstra o poder dessa classe no período estudado.

Nosso intuito foi mostrar como o enunciador do discurso pode moldá-lo ao seu interesse, ora apagando, ora revelando o ator social, conforme lhe seja conveniente. Isso nos revela que essas estratégias discursivas e, por que não, argumentativas, levam o público leitor do jornal (em nosso caso) a construir uma imagem da nova classe média. Como já afirmamos, não se trata apenas de uma mera alternância de nomenclatura a escolha entre *nova classe média*, *classe C*, *nova classe C* ou *classe C emergente*; trata-se de escolha ideológica que não encara a ascensão do grupo como ascensão que os equipare à classe média tradicional, seus costumes e valores.

Nesse sentido, cabe aqui a seguinte citação de Fairclough:

Toda oração é multifuncional e, assim, toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais. As pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais, conhecimento e crença. (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 104)

Essa constatação realça a importância de se fazer uma análise textual em quatro frentes: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, além da força do enunciado na

coerência dos textos e sua intertextualidade. Para ele, essas frentes são fundamentais na análise do discurso e isso pudemos constatar ao longo de nossas análises.

Assim, do inventário sociossemântico de Van Leeuwen (2008), levantamos a importância da observância do vocabulário e da gramática na representação dos atores sociais.

Finalizamos este texto com as palavras do próprio Van Leeuwen (1997, p. 216) sobre sua esquematização das formas de representação dos atores sociais:

A rede de sistemas junta aquilo que os linguistas tendem a separar: envolve uma série de sistemas linguísticos distintos, tanto a nível léxico-gramatical como a nível do discurso, da transitividade, da referência, do grupo nominal, das figuras retóricas, etc., porque todos estes sistemas estão envolvidos na realização das representações dos atores sociais. (VAN LEEUWEN, 1997, p. 216)

Os trabalhos de Van Leeuwen (2008, 1997), como ele mesmo ressalta na citação acima, conseguem envolver a organização das vozes da oração, a transitividade, o léxico, passando, portanto, pela referenciação e também pela discussão de questões metafóricas. Todo esse arcabouço citado é o que permite excluir, encobrir, incluir, enfim, escolher as diversas formas de representação dos atores sociais:

Talvez não estejamos muito longe da verdade se reconhecemos aqui, através de vestígios no próprio texto, o papel ativo dos meios de comunicação social neste processo social, apesar da postura cuidada de neutralidade sugerida pelo modo como a maior parte da representação é atribuída a fontes que não a pessoa do escritor propriamente dito. (VAN LEEUWEN, 1997, p. 220, tradução nossa)

As palavras de Leeuwen ilustram nossa busca pelo papel ativo dos meios de comunicação (com seus recursos discursivos da linguagem) num processo social que em nosso país tem muito a ser estudado, a ascensão da nova classe média.



Finalmente, constatamos que a construção do discurso é pautada por um processo que passa distante da neutralidade, em que há práticas argumentativas que muito refletem e influenciam as questões sociais, cabendo ao leitor ser crítico a ponto de conseguir perceber as estratégias empregadas. Esperamos ter contribuído para realçar essa necessidade de um mundo em que cada vez menos se lê com atenção aos detalhes.

## REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coordenação da tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a.

FAIRCLOUGH, Norman. The dialectics of discourse. *Textus*, v. 14, n. 2, pp. 231-242, 2001b.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. London: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London: Longman, 1989.

PEDRO, Emília Ribeiro. *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sócio-política e funcional*. Lisboa: Caminho. 1997.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Semántica del discurso e ideologia. *Discurso e Sociedad*. Universitat Pompeu Fabra, Departamento de Traducción y Filología, v. 2, n. 1, pp. 201-261, 2008. Disponível em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v02n01/DS2%281%29Van%20Dijk.html>. Acesso em: 10 maio 2020.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Critical Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi Ehernberger. *The Handbook of Discourse Analysis*, v. 4, 2001. pp. 352-371.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *News as discourse*. Hillsdale/ NJ: Lawrence Erlbaum, 1987.



VAN DIJK, Teun Adrianus. Structures of the News in the Press. Discourse and Communication. Berlin: De Gruyter, pp. 69-93, 1985. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldArticles/Structures%20of%20news%20in%20the%20press.pdf>. Acesso em 30 Jan. 2014.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Prejudice in discourse: an analysis of ethnic prejudice in cognition and conversation*. Amsterdam: Benjamins, 1984.

VAN LEEUWEN, Theodoor Jacob. *Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis*. Oxford: University Press, 2008.

VAN LEEUWEN, Theodoor Jacob. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise Crítica do Discurso – Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, AS, 1997. pp. 169-222.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*. Tubarão, v.4, n.esp, pp. 223-243, 2004. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/297](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297). Acesso em: 10 maio 2020.

WODAK, Ruth. Introduction. In: WODAK, Ruth. (ed.). *Language, power and ideology*. Amsterdam: Benjamins, 1989. pp. i-ix.

---

Envio: Maio de 2020  
Aceite: Junho de 2020